

SUBJETIVAÇÃO PROFISSIONAL NO ESTÁGIO EM PSICOLOGIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CULTURAL

PROFESSIONAL SUBJECTIVATION IN PSYCHOLOGY INTERNSHIPS: A HISTORICAL-CULTURAL ANALYSIS

LA SUBJETIVACIÓN PROFESIONAL EN LAS PRÁCTICAS DE PSICOLOGÍA: UN ANÁLISIS HISTÓRICO-CULTURAL

Viviane Silva Pires¹

RESUMO: Considerando a centralidade do estágio supervisionado na formação em Psicologia, este artigo analisa o processo de subjetivação profissional à luz da teoria histórico-cultural. Parte-se da compreensão de que o desenvolvimento humano é socialmente mediado e de que a constituição profissional não se reduz à aquisição de competências técnicas, mas envolve apropriação de objetivações históricas da profissão e reorganização da consciência do sujeito em formação. O objetivo é discutir como os conceitos de mediação, internalização, aprendizagem e Zona de Desenvolvimento Próximo, formulados por Vigotski, contribuem para compreender o tornar-se psicólogo como processo dialético e histórico. Trata-se de um estudo teórico-analítico fundamentado no materialismo histórico-dialético e em autores da Psicologia Histórico-Cultural. Argumenta-se que o estágio supervisionado configura-se como espaço privilegiado de mediação formativa, no qual se articulam desenvolvimento e aprendizagem, teoria e prática, singularidade e coletividade. Conclui-se que a subjetivação profissional emerge como processo relacional e histórico, exigindo que a formação em Psicologia seja compreendida para além da dimensão instrumental.

1

Palavras-chave: Formação em Psicologia. Teoria histórico-cultural. Estágio supervisionado.

ABSTRACT: Considering the centrality of supervised internships in Psychology training, this article analyzes the process of professional subjectivation in light of historical-cultural theory. It starts from the understanding that human development is socially mediated and that professional constitution is not reduced to the acquisition of technical skills, but involves the appropriation of historical objectifications of the profession and the reorganization of the consciousness of the subject in training. The objective is to discuss how the concepts of mediation, internalization, learning, and Zone of Proximal Development, formulated by Vygotsky, contribute to understanding becoming a psychologist as a dialectical and historical process. This is a theoretical-analytical study based on historical-dialectical materialism and authors of Historical-Cultural Psychology. It is argued that the supervised internship is configured as a privileged space for formative mediation, in which development and learning, theory and practice, singularity and collectivity are articulated. It is concluded that professional subjectivation emerges as a relational and historical process, requiring that training in Psychology be understood beyond the instrumental dimension.

Keywords: Training in Psychology. Historical-cultural theory. Supervised internship.

¹ Mestre em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia.

RESUMEN: Considerando la centralidad de las prácticas supervisadas en la formación en Psicología, este artículo analiza el proceso de subjetivación profesional a la luz de la teoría histórico-cultural. Se parte de la comprensión de que el desarrollo humano está mediado socialmente y que la constitución profesional no se reduce a la adquisición de habilidades técnicas, sino que implica la apropiación de las objetivaciones históricas de la profesión y la reorganización de la conciencia del sujeto en formación. El objetivo es discutir cómo los conceptos de mediación, internalización, aprendizaje y Zona de Desarrollo Próximo, formulados por Vygotsky, contribuyen a comprender la formación en psicología como un proceso dialéctico e histórico. Se trata de un estudio teórico-analítico basado en el materialismo histórico-dialéctico y en autores de la Psicología Histórico-Cultural. Se argumenta que las prácticas supervisadas se configuran como un espacio privilegiado para la mediación formativa, en el que se articulan desarrollo y aprendizaje, teoría y práctica, singularidad y colectividad. Se concluye que la subjetivación profesional emerge como un proceso relacional e histórico, lo que exige que la formación en Psicología se comprenda más allá de su dimensión instrumental.

Palabras clave: Formación en Psicología. Teoría histórico-cultural. Prácticas supervisadas.

INTRODUÇÃO

A formação em Psicologia, especialmente no contexto brasileiro contemporâneo, tem sido atravessada por debates que tensionam a relação entre teoria e prática, técnica e compromisso social, conhecimento científico e posicionamento ético. Nesse cenário, o estágio supervisionado ocupa lugar central no percurso formativo, configurando-se como momento privilegiado de transição entre a condição de estudante e a inserção no campo profissional. Longe de se restringir ao cumprimento de exigências curriculares, o estágio constitui espaço no qual se reconfiguram sentidos, valores e modos de atuação, tornando-se terreno fértil para a constituição da subjetividade profissional.

Sob a perspectiva histórico-cultural, o desenvolvimento humano não pode ser compreendido como processo individual e autônomo, mas como movimento socialmente mediado, no qual o sujeito se constitui nas relações que estabelece com o outro e com as objetivações culturais historicamente produzidas. Essa concepção desloca o entendimento da formação profissional de uma lógica meramente instrumental para uma abordagem que reconhece a constituição do psicólogo como processo dialético, relacional e historicamente situado. Assim, tornar-se psicólogo implica apropriar-se criticamente de saberes, práticas e valores construídos ao longo da história da Psicologia enquanto ciência e campo de atuação social.

Nessa direção, a subjetivação profissional não se reduz à aquisição de competências técnicas ou ao domínio de procedimentos específicos. Trata-se de movimento mais amplo, no qual desenvolvimento e aprendizagem se articulam na internalização de instrumentos

simbólicos, categorias conceituais e modos de intervenção que reorganizam a consciência do sujeito em formação. A mediação exercida por professores, supervisores e pares assume papel estruturante nesse processo, pois é nas relações intersubjetivas que os significados sociais da profissão se transformam em sentidos pessoais.

A teoria histórico-cultural, especialmente nas contribuições de Vigotski, oferece fundamentos consistentes para compreender essa dinâmica. Ao afirmar que os processos psicológicos superiores têm origem no plano social antes de se internalizarem no plano individual, essa abordagem permite analisar o estágio supervisionado como atividade formativa mediadora, na qual o estudante transita da participação assistida para a autonomia profissional. O conceito de Zona de Desenvolvimento Próximo, ao evidenciar que a aprendizagem orientada impulsiona o desenvolvimento, reforça a centralidade da mediação pedagógica na constituição profissional.

Diante dessas considerações, o presente artigo tem como objetivo discutir a subjetivação profissional no estágio supervisionado em Psicologia à luz da teoria histórico-cultural, buscando compreender como os conceitos de mediação, internalização, desenvolvimento e aprendizagem contribuem para analisar o processo de tornar-se psicólogo como movimento histórico, social e dialético. Trata-se de uma reflexão teórico-analítica fundamentada no materialismo histórico-dialético e em autores da Psicologia Histórico-Cultural, com a finalidade de contribuir para o aprofundamento das discussões sobre formação profissional em Psicologia.

3

MÉTODOS

O presente artigo caracteriza-se como um estudo de natureza teórica, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica de caráter analítico e interpretativo. A opção por esse delineamento metodológico fundamenta-se na compreensão de que a análise conceitual e a sistematização crítica da produção científica constituem procedimentos legítimos para o aprofundamento de categorias teóricas e para o avanço das discussões no campo da formação em Psicologia.

A revisão bibliográfica teve como eixo estruturante a teoria histórico-cultural, especialmente as contribuições de Vigotski e de autores que dialogam com o materialismo histórico-dialético aplicado à Psicologia. Foram selecionadas obras clássicas e produções contemporâneas que abordam os conceitos de mediação, internalização, desenvolvimento, aprendizagem e subjetivação, bem como estudos que discutem a formação profissional em Psicologia sob perspectiva crítica.

A seleção das fontes considerou livros, capítulos de livros, artigos científicos e dissertações reconhecidas na área, priorizando publicações com relevância acadêmica e consistência teórica. O critério de escolha pautou-se na pertinência das obras para a discussão do problema proposto, na solidez conceitual e na interlocução com a Psicologia Histórico-Cultural. Não se buscou realizar revisão sistemática com protocolo estatístico, mas sim uma revisão narrativa com aprofundamento analítico, orientada pela coerência teórica e pela articulação entre categorias.

O procedimento de análise consistiu na leitura integral das obras selecionadas, na identificação de conceitos-chave e na organização temática dos argumentos, buscando estabelecer relações entre os fundamentos da teoria histórico-cultural e a constituição da subjetivação profissional no estágio supervisionado. A análise foi conduzida à luz do materialismo histórico-dialético, o que implicou considerar os fenômenos em sua totalidade concreta, articulando singular e universal, parte e todo, essência e aparência.

RESULTADOS

A constituição do sujeito psicólogo na perspectiva histórico-cultural

A constituição do sujeito psicólogo deve ser compreendida à luz de uma perspectiva histórico-dialética, segundo a qual o indivíduo se constrói nas relações sociais e, simultaneamente, é por elas constituído. A vida humana, nesse sentido, é produto de um movimento dialético contínuo, exigindo uma leitura igualmente dialética para sua apreensão. Como afirma Meira (2007, p. 36):

[...] compreender o movimento dos fenômenos, compreendendo-os como fatos sociais concretos, sínteses de múltiplas determinações e neste sentido, como realidades históricas que podem ser transformadas pela ação humana e por isto podem transformar o imediato em mediato; apanhar a totalidade do concreto em suas múltiplas determinações e articular essência/aparência, parte/todo, singular/universal e passado/presente, compreendendo a sociedade como um movimento de vir a ser.

É sob essa base teórica que se fundamenta a proposta de compreender o processo de subjetivação profissional do graduando de Psicologia nos estágios profissionalizantes. A adoção do materialismo histórico-dialético permite analisar essa constituição considerando as múltiplas determinações socio-históricas que atravessam os sujeitos em formação.

Pino (2005) destaca que o homem nasce desprovido de meios simbólicos e que sua inserção no mundo da cultura depende da mediação do outro. Se o ser humano se constitui nas e pelas interações sociais, então o desenvolvimento do psiquismo é necessariamente sócio-

histórico, estruturado pelas atividades sociais e pelos processos de objetivação e apropriação da cultura.

Vigotski (1984) sustenta que o desenvolvimento do pensamento não parte do individual para o social, mas do social para o individual. Os processos psicológicos têm origem no plano interpessoal e, posteriormente, internalizam-se no plano intrapessoal. Assim, as funções psicointelectuais superiores são construções históricas mediadas por instrumentos psicológicos — signos, linguagem, sistemas simbólicos — cuja internalização produz o movimento de individuação.

Nesse sentido, a constituição biográfica do sujeito passa necessariamente pelo plano social antes de se individualizar. As influências sociais não atuam de forma mecânica, pois os indivíduos transformam o meio ao mesmo tempo que são por ele transformados. Meira (2007, p. 45) sintetiza essa concepção ao afirmar:

[...] os indivíduos não podem ser tomados como seres em si, já que para viver, necessitam estabelecer relações de interdependência, ou seja, o próprio fundamento da sociabilidade humana é a necessidade de entrar em relação com a natureza e os outros homens.

A relação do sujeito com o mundo social, portanto, é sempre mediada por instrumentos e sistemas de signos. Ao internalizar formas culturais de funcionamento, o indivíduo não as reproduz mecanicamente, mas as modifica mediante processos de pensamento e ação (Meira, 2007).

Para Vigotski (2001), o desenvolvimento do psiquismo humano é mediado pelo outro, e essa mediação possibilita a apropriação do patrimônio histórico e cultural da humanidade. Tanamachi (2007) ressalta que, para se objetivar como ser humano, o indivíduo precisa apropriar-se das objetivações históricas elaboradas socialmente.

A aprendizagem ocupa papel central nesse processo. Vigotski (2001, p. 111) afirma: Podemos tomar tranquilamente como ponto de partida o fato fundamental e incontestável de que existe uma relação entre determinados níveis de desenvolvimento e a capacidade potencial de aprendizagem.

Ao distinguir nível de desenvolvimento real e nível potencial, o autor introduz o conceito de Zona de Desenvolvimento Próximo (ZDP), compreendida como o espaço entre aquilo que o sujeito realiza sozinho e aquilo que realiza com auxílio. Nessa direção, “O único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento” (Vigotski, 2001, p. 114).

Esses fundamentos aplicam-se à constituição profissional do graduando de Psicologia. O estágio configura-se como momento privilegiado no qual o estudante, mediante a mediação

de professores, supervisores e pares, internaliza modos de atuação historicamente construídos pela profissão.

O estudante, nesse contexto, não é mero receptor de normas institucionais, mas sujeito ativo, simultaneamente produto e produtor de seu processo formativo. À luz da proposição de Vigotski sobre os três estágios do desenvolvimento cultural — em si, para os outros e para si — pode-se compreender que o desenvolvimento profissional também percorre esse movimento, sendo arquitetado nas relações com os outros diferentes.

Assim, a constituição biográfica e profissional do graduando passa pelo plano social antes de se individualizar. As vivências concretas do estágio favorecem a internalização de instrumentos psicológicos e a construção de modos singulares de atuação.

Subjetividade, mediação e formação profissional

A compreensão da subjetivação profissional na formação em Psicologia exige o aprofundamento conceitual das categorias centrais da teoria histórico-cultural, especialmente aquelas relacionadas à mediação, internalização e desenvolvimento. Na perspectiva inaugurada por Vigotski, o sujeito não é entendido como entidade isolada ou autossuficiente, mas como resultado de processos sociais historicamente constituídos. A subjetividade emerge nas relações sociais e somente posteriormente se reorganiza no plano individual.

6

A mediação ocupa posição estruturante nesse processo. Para a Psicologia Histórico-Cultural, a relação entre sujeito e mundo não é direta, mas mediada por instrumentos e signos culturalmente elaborados. A linguagem, em particular, desempenha papel central como instrumento psicológico, reorganizando qualitativamente o pensamento e possibilitando a internalização das experiências sociais. Assim, as funções psicológicas superiores são construções históricas que se desenvolvem inicialmente no plano interpsicológico, nas relações entre indivíduos, para depois se converterem em processos intrapsicológicos.

Vigotski (1984) sustenta que o desenvolvimento do pensamento não segue o percurso do individual para o social, mas do social para o individual. Tal proposição implica reconhecer que o desenvolvimento psíquico é inseparável das práticas sociais nas quais o sujeito se insere. A internalização não corresponde a simples cópia do externo, mas à reconstrução ativa, por parte do sujeito, das formas culturais de funcionamento.

Nesse sentido, a subjetividade profissional não pode ser reduzida à aquisição de técnicas ou procedimentos específicos. Ela se constitui na apropriação ativa das objetivações históricas da profissão, isto é, dos sistemas conceituais, valores éticos, práticas institucionais e modos de

intervenção que caracterizam a Psicologia enquanto campo científico e social. Tanamachi (2007) ressalta que a objetivação humana implica apropriação crítica da cultura, processo que transforma tanto o sujeito quanto o objeto apropriado.

A relação entre desenvolvimento e aprendizagem, aprofundada por Vigotski (2001), amplia essa compreensão. O autor afirma: “Podemos tomar tranquilamente como ponto de partida o fato fundamental e incontestável de que existe uma relação entre determinados níveis de desenvolvimento e a capacidade potencial de aprendizagem” (Vigotski, 2001, p. 111).

Ao diferenciar nível de desenvolvimento real e nível de desenvolvimento potencial, Vigotski introduz o conceito de Zona de Desenvolvimento Próximo (ZDP), compreendida como o intervalo entre aquilo que o sujeito realiza de forma autônoma e aquilo que realiza com auxílio. Nesse quadro teórico, a aprendizagem orientada impulsiona o desenvolvimento, antecipando funções que ainda não se consolidaram plenamente. Como destaca o autor: “O único bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento” (Vigotski, 2001, p. 114).

Aplicado à formação profissional, esse princípio permite compreender que a constituição do psicólogo ocorre em contextos de mediação sistemática, nos quais a interação com professores, supervisores e pares possibilita a apropriação de modos de pensar e agir próprios da profissão. O processo de subjetivação profissional configura-se, portanto, como movimento dialético em que desenvolvimento e aprendizagem se entrelaçam, produzindo transformações qualitativas na consciência do sujeito em formação.

Desse modo, a formação profissional, quando analisada à luz da teoria histórico-cultural, deixa de ser concebida como mero treinamento técnico e passa a ser entendida como processo de humanização específica, no qual o estudante internaliza e ressignifica as objetivações históricas da Psicologia. A subjetividade profissional emerge como construção relacional, histórica e mediada, inseparável das condições sociais que a tornam possível.

DISCUSSÃO

A constituição profissional do psicólogo, quando observada a partir da perspectiva histórico-cultural, revela-se como processo complexo, atravessado por determinações sociais, institucionais e simbólicas que ultrapassam o domínio técnico da prática. O estágio supervisionado, nesse contexto, não se limita a um espaço de aplicação de conteúdos aprendidos previamente, mas configura-se como campo de mediação no qual a experiência concreta favorece a reorganização da consciência do sujeito em formação.

Meira (2007), ao enfatizar a necessidade de apreensão da totalidade concreta e das múltiplas determinações sociais que constituem os fenômenos humanos, oferece subsídios para compreender que o tornar-se psicólogo não pode ser analisado isoladamente das condições históricas que estruturam a profissão. A formação profissional emerge como síntese dialética entre singularidade e universalidade, exigindo que o processo formativo seja interpretado em sua inserção na dinâmica social mais ampla. Essa leitura impede a redução da subjetivação a um fenômeno meramente individual ou psicológico.

A compreensão proposta por Pino (2005) aprofunda essa análise ao evidenciar que o ser humano se constitui por meio da mediação cultural. A inserção no universo simbólico da profissão implica apropriação de linguagens técnicas, referenciais teóricos e valores éticos que organizam a prática psicológica. Nesse movimento, o estudante não apenas aprende conteúdos, mas internaliza formas de significar a realidade, transformando a própria maneira de perceber e intervir no mundo. A subjetividade profissional, portanto, não preexiste à formação; ela se constrói na relação com o outro e com as objetivações históricas da Psicologia.

A formulação de Vigotski (1984; 2001) acerca da gênese social das funções psicológicas superiores fornece o arcabouço explicativo mais estruturante para essa compreensão. Ao afirmar que o desenvolvimento ocorre inicialmente no plano interpsicológico para posteriormente se consolidar no plano intrapsicológico, o autor demonstra que a mediação constitui elemento central da aprendizagem e do desenvolvimento. O conceito de Zona de Desenvolvimento Próximo evidencia que a orientação exercida por sujeitos mais experientes cria condições para que novas funções se desenvolvam, antecipando níveis mais complexos de atuação.

Transposto para o campo da formação em Psicologia, esse princípio indica que o estágio supervisionado atua como dispositivo pedagógico mediador. A interação com supervisores e colegas possibilita a internalização de procedimentos, categorias diagnósticas, posturas éticas e estratégias de intervenção que, gradualmente, deixam de depender da orientação externa e passam a integrar o repertório autônomo do estudante. A aprendizagem orientada impulsiona o desenvolvimento profissional, produzindo transformações qualitativas na identidade do futuro psicólogo.

Tanamachi (2007), ao discutir a objetivação humana como processo de apropriação das produções culturais, amplia essa compreensão ao afirmar que a formação profissional envolve internalização crítica das objetivações históricas da área. A profissão não é apenas conjunto de técnicas, mas construção social que expressa valores, concepções de sujeito e projetos de

sociedade. A subjetivação profissional, nesse sentido, implica assumir posição diante dessas determinações, ressignificando-as na prática concreta.

A articulação entre esses referenciais evidencia convergência teórica consistente: a constituição profissional é processo histórico, relacional e mediado. Embora cada autor enfatize aspectos específicos — Meira a totalidade social, Pino a mediação cultural, Vigotski o desenvolvimento psíquico e Tanamachi a objetivação — todos apontam para a inseparabilidade entre sujeito e contexto histórico. Essa convergência fortalece a compreensão do estágio supervisionado como momento privilegiado de reorganização subjetiva.

Assim, a discussão conduz à compreensão de que a formação em Psicologia ultrapassa o treinamento técnico e se configura como processo de humanização específica. O estudante, ao apropriar-se das práticas sociais da profissão, transforma-se e transforma as condições em que atua. A subjetividade profissional emerge como construção histórica que se efetiva na articulação entre aprendizagem orientada, mediação social e internalização crítica das objetivações da Psicologia.

CONCLUSÃO

A formação profissional em Psicologia, quando analisada sob a perspectiva histórico-cultural, revela-se como processo que ultrapassa o domínio técnico da prática e se inscreve na dinâmica das relações sociais que constituem o sujeito. Tornar-se psicólogo implica apropriar-se de objetivações históricas da profissão, internalizando modos de pensar, interpretar e intervir que foram socialmente produzidos ao longo de sua trajetória científica e institucional.

A subjetivação profissional não ocorre de maneira espontânea nem se reduz à aplicação de conteúdos aprendidos previamente. Ela se constitui por meio de mediações concretas que articulam aprendizagem e desenvolvimento, singularidade e coletividade, teoria e prática. Nesse movimento, o estágio supervisionado emerge como espaço privilegiado de reorganização da consciência, no qual a interação com sujeitos mais experientes favorece a construção de autonomia profissional.

A compreensão do processo formativo como atividade mediada desloca a análise da formação do campo instrumental para o campo histórico e relacional. A profissão não pode ser concebida como conjunto neutro de técnicas, mas como prática social atravessada por valores, concepções de sujeito e compromissos éticos. A subjetividade profissional se constrói na tensão entre essas determinações e as experiências concretas vivenciadas no percurso formativo.

Ao reconhecer que o desenvolvimento profissional é inseparável das condições históricas que o sustentam, amplia-se o entendimento da formação em Psicologia como processo de humanização específica. O estudante, ao internalizar criticamente os fundamentos da profissão, transforma-se e transforma o campo em que atua. A constituição do psicólogo, nesse sentido, configura-se como movimento contínuo de apropriação, ressignificação e posicionamento diante das práticas sociais que definem a área.

Compreender a subjetivação profissional sob essa ótica contribui para fortalecer projetos formativos comprometidos com a reflexão crítica, com a responsabilidade social e com a construção histórica do saber psicológico. O estágio supervisionado, inserido nesse horizonte, deixa de ser mero requisito curricular e assume centralidade como atividade formativa capaz de produzir transformações qualitativas na identidade profissional.

REFERÊNCIAS

MEIRA, M. E. M. **Psicologia histórico-cultural: fundamentos e implicações pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

PINO, A. *A produção social do homem*. Campinas: Autores Associados, 2005.

TANAMACHI, E. R. *O processo de objetivação humana e formação profissional*. Campinas: Alínea, 2007.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001